

A itinerância dos padres jesuítas no século XVI. Relato da viagem de Pedro Perpinhão, entre Alcalá de Henares e Roma

The journey of Jesuit priests in the 16th century. Report of the trip of Pedro Perpinhão, between Alcalá de Henares and Rome

Helena Costa Toipa¹

CECH, Universidade de Coimbra
helenacosta64@gmail.com

Palavras-chave: viagem, Roma, Pedro Perpinhão, Companhia de Jesus, itinerários.
Keywords: voyage, Rome, Pedro Perpinhão, Society of Jesus, itineraries.

O objectivo dos padres da Companhia de Jesus de se deslocarem como missionários, primeiro, para a Terra Santa², depois, para as regiões descobertas e colonizadas de Ásia e África, bem como o de se dedicarem à pregação e ao ensino, nos numerosos Colégios que se iam multiplicando tanto na Europa, como naqueles continentes, e ainda a sua empenhada militância no combate das ideias protestantes, levou à sua frequente e característica itinerância.

Pedro Perpinhão (Pero Perpiñá – em valenciano; Pero Perpiñán – em castelhano), um desses muitos padres, ingressou na Companhia em 1551 e fez o noviciado em Coimbra; trabalhou em Portugal até 1561, tendo sido, nesta data, graças à sua reputação e mérito como professor e orador, enviado para Roma, para o Colégio Romano, onde permaneceu quatro anos; depois foi destacado para Lyon e, finalmente para Paris, onde viria a falecer em 1566, aos 36 anos de idade. Na sua curta existência, desenvolveu intensa actividade como professor, orador e investigador.

¹ Trabalho realizado no âmbito do Projecto de Pós-doutoramento *O culto da Rainha Santa Isabel, em Coimbra, no século XVI, e as celebrações em sua honra no Colégio das Artes: a obra de Pedro Perpinhão, S.J.*, integrado no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

² Sobre a formação da Companhia de Jesus, os seus fundadores, os seus objectivos, o seu desempenho e os seus rápidos progressos, no campo do ensino e da missão, leia-se Lacouture, 1990.

I. Percurso biográfico de Pedro Perpinhão

Era natural do reino de Aragão, nascido em Elche, em 1530. Estudou primeiro em Orihuela, depois em Valência, onde se graduou em Artes, a 6 de Julho de 1547. Na Universidade de Valência, de acordo com as suas próprias palavras, encontrou professores que lhe inculcaram profunda admiração por Cícero e moldaram definitivamente o rumo da sua eloquência³, levando o cronista da Companhia Baltazar Teles (1645) a referir-se-lhe, mais tarde, como um

[...] famoso orador naquelles tempos, como adiante veremos, porque nelle se viam, em grao muito superior, todas as partes por onde Cicero definia a hum perfeito Orador, porque as palavras eram muito boas, as sentenças bem accomodadas, a pronunciaçam excellente, a voz, o rosto, o gesto, o meneo, tudo muy engraçado, e bem proporcionado.

Aos 21 anos, depois de provavelmente ter feito estudos teológicos, ingressou na Companhia de Jesus, talvez movido pelo exemplo de alguns padres jesuítas do Colégio de Valência (fundado em 1544) que estudavam na Universidade. Em 1551 foi, pois, enviado para o Colégio de Jesus, de Coimbra, juntamente com o irmão Luís Perpinhão, que tomara a mesma decisão, para ali fazerem o noviciado. Tiveram como colegas, entre outros, José de Anchieta, futuro poeta, cronista e missionário no Brasil; Francisco Adorno, genovês, que entrou para a Companhia em 1549, aos 17 anos de idade, estudou em Coimbra, e viria a ser o primeiro reitor do Colégio de Milão e futuro secretário e amigo do Cardeal Carlos Borromeu; Sebastião de Morais, que viria a ser o primeiro Bispo do Japão; Cipriano Soares, futuro autor de *De Arte Rhetorica Libri Tres ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano praecipue deprompti*, que conheceu grande fortuna nos meios escolares, e Manuel Álvares, que viria a compor uma gramática utilizada durante séculos nos colégios dos jesuítas, *De Institutione Grammatica Libri Tres*.

Em 1553, foi enviado para Évora, para o Colégio do Espírito Santo, como professor de Retórica e Grego. Nesse mesmo ano, a 28 de Agosto, compôs e pronunciou ali a oração de sapiência na abertura do ano lectivo, *cum maximo omnium applausu*, segundo testemunho contemporâneo, na presença do Cardeal D. Henrique, protector do Colégio, dando assim início à sua actividade de orador.

Em 1555, regressou a Coimbra para leccionar no Colégio das Artes, que D. João III tinha confiado à orientação da Companhia de Jesus. Aquela escola, inaugurada em 1548, conhecera já ilustres mestres portugueses e estrangeiros, como André de Gouveia, Diogo de Teive, João da Costa, António Mendes, Arnaldo Fabrício, Jorge Buchanan, Elias Vinet, Nicolau Grouchy, Guilherme de Guérente, entre outros, provenientes de Bordéus e Paris; por isso, era importante para a Companhia apresentar professores que não desmerecessem o trabalho anterior, chamando, de Évora, Pedro Perpinhão, juntamente com Manuel Álvares e Cipriano Soares: os dois primeiros para o Latim, o terceiro para a Retórica. No dia 1 de Outubro de 1555, na abertura do ano lectivo, Pedro Perpinhão com-

³ Numa das orações que compôs e pronunciou em Roma, em 1564, *Oratio ad Romanam iuuentutem de auita dicendi laude recuperanda*, (Perpinianus, 1749), Perpinhão revela como se rendera à influência de Cícero, ainda estudante em Valência.

pôs e disse a oração de sapiência, que em grande parte das edições impressas recebeu o título de *De Societatis Iesu gymnasiis et de eius docendi ratione*, mas que, no códice 3308 da B.N.L. aparece com o de *De causis cur Societas IESU collegia publica suscipiat, Rexque Lusitaniae inuictissimus Ioannes tertius conimbricense collegium illi tradiderit, et de eius docendi ratione oratio*, que resume os três tópicos fundamentais desenvolvidos na oração: esclarecer os objetivos que tinham levado a Companhia a dedicar-se ao ensino e a tomar a responsabilidade do Colégio das Artes; os motivos que levaram o rei a entregá-lo à Companhia; a orientação a seguir com os alunos, um pequeno esboço de “ratio studiorum”. Nesse mesmo ano ainda, coube-lhe também a tarefa de compor e pronunciar a oração fúnebre pela morte do Infante D. Luís, *Laudatio funebris Ludouici Principis*. O seu mérito como orador levou a que fosse também o escolhido para, em 1557, 1558 e 1559, compor as orações comemorativas do dia da rainha Santa Isabel, decretadas por D. João III para o Colégio das Artes, *Laudationis in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam libri tres*, para as quais encetou um aprofundado trabalho de investigação que, depois, culminaria com a composição de uma biografia da mesma rainha, *De uita et moribus Diuae Elisabethae Lusitaniae Reginae libri tres*.

Em 1560, voltou para Évora, para cursar Teologia, e ali esteve apenas um ano, pois em 1561, foi enviado para Roma, passando os quatro anos seguintes no Colégio Romano, com as funções de orador, professor de Retórica e tradutor das cartas enviadas pelos missionários da Índia. Como professor substituiu Anibal du Coudray, na cadeira de Retórica, e como orador, compôs e pronunciou seis orações: *De Rhetorica discenda* (1561); *De perfecta doctoris Christiani forma* (1562); *Ad Carolum Borromaeum Cardinalem et Franciscum Vargam regis Philippi legatum* dirigida ao Cardeal Carlos Borromeu, quando iniciava a explicação do segundo livro do *De Oratore* (1562); *De Deo Trino et Uno et Ecclesiae consensione*, pronunciada na presença do Papa Pio IV (1563); *Ad Pium IV Pont. Max.*, dirigida ao mesmo Papa, quando este visitou o Colégio (1564) e *Ad Romanam iuuentutem, de auita dicendi laude recuperanda* (1564).

Ali firmou amizades e se correspondeu com alguns nomes de relevo do Humanismo italiano, como Quinto Mário Corrado, Marcelo Corrado, Paulo e Aldo Manúcio, Marco António Mureto, entre outros. Destas amizades, resultou uma vasta epistolografia, da qual se pode destacar a epístola XVI, enviada a Francisco Adorno. Com efeito, em 1565, a pedido de Francisco Adorno, seu antigo companheiro de Coimbra, a quem isso também fora superiormente solicitado, P. Perpinhão compôs *De Ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, onde sistematizava a prática lectiva em Coimbra, nos anos em que ali leccionara (1555-1560), fundamentando-se na sua própria experiência; a solicitação de Adorno partira, por sua vez, de um pedido de Estevão Sáulio, com vista a reunir informações destinadas à orientação de outros colégios, e viria a inspirar e contribuir para a composição da *Ratio Studiorum* dos jesuítas. Apesar de o texto datar de 1565, quando já se encontrava em Roma, o opúsculo reporta-se à realidade coimbrã.

Apesar da fragilidade da sua saúde, que se acentuava de dia para dia, com o trabalho intenso, as constantes vigílias e jejuns, a sua actividade intensificou-se no último ano de vida. Enviado para França, em 1565, para combater as ideias

protestantes, desdobrou-se, entre Lyon e Paris, em lições sobre questões teológicas e discursos, pronunciados muitas vezes perante auditório hostil; o assunto de cinco orações que compôs nesta ocasião versava essencialmente o combate às ideias protestantes: *De retinenda ueteri religione et falsa recentium Haeticorum doctrina reiicienda*. A última oração, dita em Paris, poucos dias antes de morrer, tinha como tema *De diuina et humana Philosophia discenda*.⁴ Com efeito, agravando-se irremediavelmente a sua saúde, acabou por morrer, aos 36 anos de idade, em Paris, a 28 de Outubro de 1566⁵.

II. Destacamento para Roma

Nos primórdios da Companhia de Jesus, a abertura de inúmeros colégios pelos vários países europeus e, posteriormente, também nas zonas colonizadas da Ásia e América do Sul, deparou com o grave problema de falta de professores; com efeito, depois da abertura do primeiro colégio, em Messina, em 1548, a Companhia abriu cerca de 35, só nos oito anos seguintes, incluindo os de Évora, Lisboa e Coimbra. Na correspondência regular dos padres para os responsáveis, há numerosos pedidos de um reforço do corpo docente. Em 1554, por exemplo, por ocasião das negociações da entrega do Colégio das Artes à Companhia, por D. João III, Diogo Mirão escrevia a Inácio de Loyola, solicitando-lhe o envio de mestres:

Acá somos poca gente de la Compañía en Portugal, según tienen desposición los collegios para mantener muchos más hermanos. En Coimbra ay cinquenta, y por lo menos ay lugar para mantener otros tantos; y aunque uuiesse muchos más, proueería á todos el rey, según la neçessidad que tiene de nosotros: y se huelga en extremo que [halya muchos de la Compañía. Él me dió nueuas que entrauan muchos en la Compañía en la India, mostrando holgarse desso. [...] De manera, que las neçessidades de acá son grandes; porque, ultra de todo esto dicho, tenemos de proueer á los collegios que se comiençan en el Brasil, y la India, y Congo, e proueer también de operários para tan grande messe⁶.

Depois da entrega do Colégio, os pedidos de reforço continuam:

[...] El rey a concludido ya el negoçio del collegio real, y me mandó dezir por el doctor Pinhero, que tenía por bien de entregarnos su collegio real de Coimbra, para que tuuiéssemos cargo dél, y pusiéssemos los leientes de la Compañía, de Octubre que uiene por delante deste año de 1555. [...] Estoi de partida para Coimbra daqui á dos ó tres días, para dar ordem á los que an de leer las artes y humanidad; y aun son de parecer los Padres, que los maestros que an de leer humanidad, veniessen á leer aquí en sancto Antón primero un par de meses,

⁴ Toda a obra de Pedro Perpinhão referida está reunida em *Petri Ioannis Perpiniani Valentini e Societate Iesu Opera*. Romae: Typis Nicolai et Marci Palearini, 1749.

⁵ Mais informações biográficas em: Gaudeau, 1891. Lazeri, 1749. Toipa, 2001; 2011; Montesinos, 2014.

⁶ Monumenta Historica Societatis Iesu a Patribus Eiusdem Societatis edita (MHSI): *Epistolae Mixtae ex uariis Europae locis ab anno 1537 ad 1556 scriptae*. Madrid, 1898-1901. Tomo IV, fasc. III, n.º 879.

para que aprendiessen el modo que tiene la Compañía en leer, y hallarse algún tanto exercitados quando fuessen á leer á las classes de Coimbra; porque acá tenemos por experientia que, los que se ponen á leer, aunque sean doctos, se hallan embaraçados en el prinçipio. [...] Por otras tengo scripto á V. P. quanto conuernía que nos embiasse algunos maestros de allá para esta empresa, porque acá somos pocos, así para maestros como para lo demás: y también e pedido lo mismo al P. Françisco; pero com todo, así nos prouemos acá, como si no sperássemos ninguno de outra parte. Speramos en el Señor de dar mediana satisfaçión; pero sería mucha mayor, si tuuíéremos ayuda de outra parte. Nuestro Señor lo ordene como fuere más su seruiçio⁷.

Para solucionar essa questão, os professores existentes eram sujeitos, por um lado, a um ritmo de trabalho muito intenso e, por outro, a uma grande mobilidade. Em Junho de 1561, o P. Jerónimo Nadal⁸, enviado à Península, em carta a Laynez, Preósito Geral da Companhia, escrita de Coimbra, dava conta da sua intenção de levar daí consigo Pedro Perpinhão, um dos seus mais conceituados professores e oradores, para servir os interesses da Companhia noutras paragens ainda não determinadas; com ele iriam também elementos de outros colégios de Espanha:

De los subiectos estoy ya determinado de embiar los que pudiere por este año, y creo dentro de 4 ó cinco días partirá de aquí el P. Pedro Perpiñán, rhetórico, y insigne, y lleuará mis cartas para Salamanca y los otros collegios de Castilla, para lleuar algunos; y he scripto al prouincial de Aragón que vea si puede embiar hasta tres que no hagan falta notable, y sean aptos para leer rhetórica, ó griego, ó artes, ó theología. Haráse, Padre, por estos principios lo que se puede, y andando yo por las otras prouincias, veeré lo que más se podrá, y se proueerá, com la gracia de Christo, que abunde de subiectos España para el septentrion. De Portugal no se puede sacar ninguno, sino los que aquí no pueden más seruir, ni son buenos para las Indias, y así pienso que el año que viene podrá yr Vanegas, que es muy buen rhetórico y poeta.

O seu destino foi Roma, para onde se dirigiu na companhia de outros padres que se lhe juntaram em Alcalá, como revela a carta de Alfonso Salmeron para Jerónimo Nadal, escrita já desta cidade a 28 de Setembro de 1561:

Después á los 20 del presente, com el P. Pedro Perpiñan y compañeros que V. R. le ordenó truxese consigo, que todos llegaron buenos y lo están, aunque Mariana se halla algo indispuesto, se há recibido outra de 21 de Junio

⁷ MHSI, *Epistolae Mixtae*, op. cit., tomo IV, fasc. V, n° 955. Veja-se também a carta escrita de Lisboa, datada de 22 de Junho de 1555 (MHSI, *Epistolae Mixtae*, op. cit., tomo IV, fasc. V, n° 977).

⁸ Jerónimo Nadal é considerado o segundo fundador da Companhia, responsável pela organização e unificação do ensino dos jesuítas. Estudara em Alcalá de Henares e em Paris, como Inácio de Loyola, de quem foi companheiro. Foi escolhido, depois de entrar na Companhia, como reitor do Colégio de Messina, para o qual escreveu um plano de estudos que foi aprovado por Inácio e imitado, em parte, no Colégio Romano e noutros colégios jesuítas. Foi ele que promulgou as *Constituições* de Inácio de Loyola junto dos padres espalhados pela Europa e que, em 1553, negociou com D. João III o estabelecimento, em Portugal, de um colégio feito sobre o modelo do de Roma.

de pocos renglones, y outra antes, de 12 de Julio, con otra de un Padre para Francisco Adorno⁹.

III. Relato da viagem

Os viajantes chegaram a Roma em 21 de Setembro de 1561. Sobre a viagem até ao destino escreve Perpinhão duas cartas, enviadas aos antigos companheiros; uma, desconhecida, que descreve o percurso de Coimbra até Alcalá de Henares (Coimbra, Salamanca, Ávila e Alcalá), enviou-a aos noviços de Coimbra; a outra¹⁰, enviou-a, assim que chegou a Roma, aos irmãos de Coimbra; encontra-se antologizada num manuscrito da Biblioteca Pública de Évora, intitulado *Libro de las cartas de edificacion que se hallaron de Roma y de algunas otras partes mas notables, de Padres de la Compañia, y personas fuera della, que dan noticia de su buen principio y felice progreso que comiença del año de 1541, hasta el de 1569 inclusive*. Nos F^o 342-353 há uma “copia d’una del P.e Pero Perpiñan, de Roma para los padres y hermanos de Coimbra, de 27 de setiembre de 1561”.

A carta de Perpinhão era dirigida aos companheiros de Coimbra, os quais “están juntos y unidos en mi corazón, y inculpados en la principal parte de mi anima, de las que se pueden, y deven por amor de Christo Redemptor N. dar a los hombres”, cumprindo, assim, a promessa que lhes fizera ao partir. É uma carta destinada a dar conta do decurso da viagem, a transmitir impressões e partilhar experiências com quem ficou e de quem se separava talvez para sempre; as motivações para a sua composição surgem expressas logo no início da missiva:

Tiempo es ya de satisfacer a tan grande obligacion, como a todos los que en esse Collegio viven tengo en el Señor nuestro, o por haver sido essa la primera escuela donde aprendi a vivir religiosamente, o por haver conversado con ellos tan largo tiempo christianamente, o por haver sido de alli enviado a estas partes, o por haver prometido, no solo, quando me despedia, de palabra, mas aun en la carta que escrevi a los hermanos novicios desde Alcalá, que de Roma les daria larga relacion de lo que huviesse acontecido por el camino. (Gaudeau, 1891, p. 149)

A leitura da carta revela informação pertinente para a situar no seu tempo e transmite uma ideia clara do que era viajar no século XVI, em plena crise religiosa, através de Espanha, França e Itália, num percurso nada isento de perigos e contratemplos. Para além do elenco de mosteiros, santuários, relíquias e milagres, visitados e lembrados piedosamente ao longo do itinerário, que manifesta a devoção do culto das relíquias e tudo o que com elas estivesse relacionado, no

⁹ MHSI, *Epistolae P. Hieronymi Nadal Societatis Iesu ab anno 1547 ad 1577, op. cit.*, tomo I, p. 526. Deste mesmo facto dá conta o mesmo Jerónimo Nadal, no seu historial dos assuntos da Companhia: *Scripserat ad me P. generalis, vt mitterem aliquos, qui collegio romano possent esse utiles. Ex Portugallia misi Perpinianum, quem uidebantur non aegre dimittere. Scripsi Castellam, vt mitterent cum illo Marianam, Acostam, Paëm, Ramirum, et profecti sunt, nullo intercedente, etiamsi intelleximus postea fuisse ab hispalensi [missos], qui illorum (148) iter impedirent: egressi iam fuerant Hispaniae fines.*(MHSI, *P. Natalis Ephemer.*, Tomo II, p. 76.)

¹⁰ *Apud* Gaudeau, 1891, pp. 149-167.

espírito da Contra Reforma, a carta inclui também preciosas informações sobre paisagens, condições climáticas e topográficas, formas de transporte, alojamento, perigos presentes ou latentes, história local, situação política e administrativa de algumas regiões, costumes, colégios e amigos da Companhia com quem iam contactando, e sensações que vão da admiração e encantamento até ao medo e consternação, que revelam não só o religioso, mas principalmente o homem.

O envio de cartas com relatos minuciosos sobre a actividade dos padres da Companhia, missionários, reitores, professores dos colégios ou outros, dirigidas aos superiores hierárquicos ou aos companheiros, era uma prática instituída e regular¹¹ e elas são, na maioria dos casos, fontes históricas de relevo; complementam o relato histórico, caracterizam o quotidiano, situando o homem no seu contexto epocal e social, mostrando-o nas suas actividades, atitudes, opiniões e sentimentos, no seu espírito. Assim, por exemplo, são também as cartas escritas pelo P. Inácio Martins aos companheiros de Coimbra, 12 anos depois da de Perpinhão, quando da sua ida a Roma, em 1573, à Congregação Geral da Companhia que havia de escolher Everardo Mercuriano como Geral, após a morte de Francisco de Borja¹²; aproveitou a viagem para fazer um périplo pela Europa em busca de relíquias para enviar para o Brasil, mas principalmente para averiguar, secretamente, uma possibilidade de casamento de D. Sebastião na Alemanha¹³. O seu percurso para Roma coincide, em parte, com o percurso de Perpinhão e dos seus companheiros: partindo de Évora, segue em direcção a Madrid, continuando por Alcalá de Henares, Saragoça, Barcelona, Marselha, San Remo, Génova, Siena e Roma; não refere as etapas intermédias, ao contrário de Perpinhão. Em todas essas cidades faz um levantamento exaustivo e reverencial das relíquias ali guardadas e veneradas e dos milagres que lhes estavam associados.

Outros relatos há também, contemporâneos ou posteriores¹⁴, que, compostos por motivos diferentes, por terem as viagens a Roma também objectivos diferentes, complementam o relato de Perpinhão e permitem estabelecer algumas relações. É o caso do de Gaspar Barreiros, que fora enviado a Roma pelo Cardeal D. Henrique e que compôs uma obra sobre o assunto, *Chorographia de alguns lugares que stan em hum caminho que fez Gaspar Barreiros ó anno de MDXXXVI começando na cidade de Badajoz em Castella té à de Milam em Itália*, a que alude Perpinhão e que eventualmente lhe terá servido de guia e dado algumas indicações para a preparação da sua viagem; com efeito, o percurso seguido por Perpinhão e companheiros é o mesmo seguido e descrito por Barreiros. Esta obra é citada na própria

¹¹ Sobre a vasta epistolografia dos padres da Companhia de Jesus, a obrigatoriedade, as normas e os objectivos da composição regular de cartas para os superiores e amigos, leia-se Ferro, 1993.

¹² Carvalho, 2004. Interessam particularmente para este artigo as cartas escritas de Barcelona e de Roma para os companheiros de Coimbra, que descrevem o itinerário para Roma, coincidente em muitos momentos, em algumas opiniões e reflexões com o relato de Perpinhão: “Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Barcelona indo de caminho pera Roma aos irmãos de Coimbra a 23 [de Fevereiro] de 1573” e “Carta que o Padre Ignacio Martins escreveu de Roma aos irmãos da Companhia do Collegio de Coimbra a anno de 1573”.

¹³ Carvalho, 2004, 237.

¹⁴ Sobre relatos de outras viagens a Roma realizadas nos séculos XVI, XVII e XVIII (motivações da viagem e da composição do respectivo relato, preparativos, itinerários, guias para para viajantes mais curiosos e cultos, impressões de viagem, etc), leia-se Sara Augusto, 1999 e 2010.

carta de Perpilhão (Gaudeau, 1891, p. 157), quando, referindo-se à passagem por Barcelona, remetia os leitores para ela : “Querer contar en particular las cosas desta montaña y casa de N. Señora (Monserrate) seria nunca acabar, ni pienso ser necessário, pues las puede leer quien quisiere en la peregrinacion que dexó impresa el padre (haec duo uerba sunt deleta) Gaspar Barreros”.

Lembre-se também o relato da viagem de Fr. Bartolomeu dos Mártires, de Braga a Roma, onde ia participar na última parte do Concílio de Trento, realizada igualmente em 1561, cujo percurso coincide parcialmente com o de Perpilhão (Castro, 2001). Ou o dos padres de Santa Cruz que se deslocaram a Roma, para resolver alguns negócios do mosteiro, entre os anos de 1558 e 1560 (Coelho, Santos, 1990); e ainda o de Fr. Joaquim de S. José, enviado a Roma., já de 1750, que mostra que não houve grandes diferenças no espaço de dois séculos de viagens a Roma (Cabral, 2011).

O itinerário

A carta de Perpilhão assume uma forma quase diarística, registando regular e constantemente os dias da semana e do mês em que se percorrem as etapas do caminho. A viagem começou em Coimbra, em junho, pois aí o localiza a carta de Nadal acima citada; até Alcalá de Henares, Perpilhão fez quase toda a viagem sozinho, tendo-se-lhe juntado um companheiro apenas em Ávila, o P. Ramiro, que chegaria a Roma, mas depois deixaria a Companhia por motivos de saúde. Desse percurso deu notícia numa outra carta que escreveu aos noviços de Coimbra e que hoje se desconhece. De Alcalá, partiu na companhia de P. Ramiro, Diego da Costa, que vinha de Salamanca, Diego Paez, que vinha de Valladolid, e Juan de Mariana, que se encontrava a algumas léguas de Alcalá. Haveria de se lhes juntar, já em Barcelona, o P. Jerónimo Ros.

Reunidos em Alcalá, partiram para Roma a 23 de Julho de 1561; estavam organizados de forma a que cada um tinha a sua própria tarefa, durante a viagem: Perpilhão era o superior e confessor, e também tratava das montadas; Diego da Costa era o ministro, o responsável pelas refeições e o que tratava das contas; o P. Ramiro tratava de acautelar a bagagem, os outros dois, Diego Paez e Juan de Mariana, tratavam dos animais.

Partiram de Alcalá, nessa quarta-feira depois de almoço, em direcção a Guadalajara e pernoitaram numa pequena povoação próxima. No dia 25 de Julho, dia de Santiago, depois da missa, partindo cedo, foram almoçar a Ziguena e ali passaram o resto do dia e noite com outros eclesiásticos e amigos da Companhia (Gaudeau, 1891, p. 152).

No dia seguinte, dia de Santa Ana, 26 de julho, sábado, madrugando, dirigiram-se para Medinaceli, onde disseram missa. No domingo tomaram a direcção de Arcos de Jalón e pararam a cerca de duas léguas no mosteiro cisterciense de Huerta, onde estiveram por algum tempo. Nessa tarde, ainda, começaram o percurso pela região de Aragão, passaram por Ariza; na quarta-feira seguinte, dia 30 de Julho, chegaram a Saragoça, “ciudad por cierto para ver en España” (Gaudeau, 1891, pp. 152-154).

Em Saragoça permaneceram alguns dias tratando de assuntos da Companhia e visitando a cidade e principais monumentos, dos quais faz uma detalhada

descrição. Na segunda-feira seguinte, dia 4 de Agosto, iniciaram o seu percurso até Barcelona. No dia seguinte, depois de violento temporal, chegaram a Fraga, pelas 11 da noite. Na sexta-feira, depois de almoço, “saliendo de un lugar que está tres léguas del monasterio, mas catalanas, hoc est 5 o 6 leguas de otra tierra”, iniciaram a subida de serra que os levaria a Monserrate, onde só chegariam já de noite, depois de andarem por algum tempo perdidos na escuridão do caminho (Gaudeau, 1891, p. 157). No domingo seguinte, 10 de Agosto, chegaram a Barcelona e aí permaneceram oito dias “mientras se buscava lo necessario para el hermano que de allí avia de partir, y se curava un machuelo que nos avia enclavado el herredor en Çaragoça” (Gaudeau, 1891, pp. 157-158).

A viagem poderia ter continuado, a partir daqui, seguindo um percurso usual entre os viajantes para Roma (Augusto, 1999, pp. 94-95), por mar, em direcção a Marselha, Génova ou Livorno, retomando depois o caminho por terra, seguindo para Pisa, Florença, Siena, Viterbo, até chegar a Roma (Augusto, 1999, pp. 85-125). Assim fizeram o P. Inácio Martins e seus companheiros, que embarcaram em Barcelona e seguiram até Marselha, prosseguindo depois, de novo, por terra. Não era uma alternativa mais fácil ou menos perigosa e demorada (Carvalho, 2004, p. 334); de Barcelona a Marselha, Inácio Martins e os companheiros demoraram um mês:

Andamos no mar hum mes por o tempo nos não favoresser, e como a gente era muita dormião os padres nas ballesteiras com os galeotes, e padeçerão todos muito por rezão do ieium, e outras circunstancias da gale, mas muito mor trabalho passarão os que forão por terra, porque dos padres que se lançarão por França forão presos os da provincia de Castela a velha, dos quais ho Padre Cordeires morreo no carcere, e o provincial Gonçaves foi ferido ao fazer do preço do resgate que deu por si e seus companheiros.

Mas o percurso de Perpilhão e dos outros cinco jesuítas prosseguirá por terra, pelo sul de França; terá pesado na escolha deste trajecto a sua duração, uma vez que, de Barcelona a Carpentras, o local mais próximo de Marselha, onde desembarcaram os outros viajantes referidos, demoraram apenas 12 dias. Mas foi uma viagem por terras inóspitas. Num outro relato de viagem de Portugal para Roma, realizada em 1750, Fr. Joaquim de S. José apresenta a justificação da opção pela via terrestre:

Recolhemo-nos já à estalagem e amanhã diremos mais de Barcelona onde temos de descansar um ou dois dias e alugar caleças em direitura a Roma em ordem a escapar das incertezas do mar, seus perigos e de mouros: este foi o meu parecer, a que cederam os mais, posto que alguns queriam ir por Antibes e aí embarcar para Génova, ou Livorno. Porém o certo é que por terra sabemos que em 45 dias vamos de Barcelona a Roma em jornadas, e caleças ordinárias dos quais dias, 40 de anda e cinco de descanso em diversas paragens; e por mar se não pode fazer conta certa, porque tem muitas contingências além dos perigos. (Cabral, 2011, p. 111)

Por outro lado, fazendo todo o percurso de barco, de Lisboa a Roma, a viagem tornava-se ainda mais demorada, rondando os quatro meses (Augusto, 1999, pp. 94-95).

Uma semana depois, pois, na segunda-feira, dia 18 de Agosto, os seis companheiros partem para França, começando uma etapa de viagem agora mais perigosa, devido à difusão das ideias protestantes e da hostilidade aos católicos, bem como à existência de salteadores; passado o Coll de Pertus, evitaram Perpignan e chegaram a Salses-le-Château:

El Jueves siguiente passamos el Coll del Pertus¹⁵, por la misericordia del Señor, seguramente. Es este un passo en los Pyreneos muy áspero y peligroso de ladrones, entre el Principado de Cataluña, y el Condado de Rosselon que se cuenta agora en España, antiguamente era parte [de la] Gallia Narbonense. Estava la pestilencia aun muy encarnizada en Perpiñan, cabeça deste Condado, por donde es el caminho real. (Gaudeau, 1891, 159)¹⁶

Na sexta-feira à noite, dia 22 de Agosto, já dormiram em Narbona. No sábado almoçaram em Béziers e chegaram a Saint Thibéry, onde dormiram e passaram todo o domingo, que era dia de S. Bartolomeu, 24 de Agosto. Partiram dali na segunda-feira e foram pernoitar em Montpellier. A viagem prosseguiu no dia seguinte, sempre ensombrada com o receio de encontros com os protestantes, numa região muito marcada pela hostilidade aos católicos. Na terça seguinte, dia 26 de Agosto, almoçaram num lugarejo pequeno, durante a tarde passaram por Nimes, mas preferiram pernoitar umas léguas adiante. Chegaram, já no dia seguinte, a Avinhão; na sexta estavam em Carpentras, “que es romeria de mucha devocion en el Delfinado”¹⁷, na terça, em Ambrum e, na quarta seguinte, 3 de Setembro, estavam a atravessar a parte principal dos Alpes: “El miércoles antes de comer passamos lo principal de las Alpes, aunque ya quasi desde Aviñon caminavamos por valles cercados dellas. Fué tan grande el frio, siendo tres dias solamente de setiembre, quanto no me acuerdo averlo sentido por essas tierras en diziembre – bien que yo venia como de alli sali, com un jabon simple de verano” (Gaudeau, 1891, pp. 161-163).

Na quinta-feira seguinte foram obrigados a deter-se em Nipoli e, nos dias seguintes fizeram o percurso até Bolonha, onde chegaram uma semana depois, no dia 11 de Setembro; desta etapa faz Perpinhão o seguinte relato:

Por toda Italia y especialmente por el Piamonte, Ducado de Milan, Ducado de Parma, Ducado de Ferrara y otras partes de la Lombardia, es cosa espantosa de ver las fortalezas, muros y bastiones y cavas de las ciudades, las cuales todas se tienen tan a buen recaudo en tiempo de tanta paz como si uviesse la mayor guerra del mundo. Ansi acació algunas vezes, sc. en Parma y Modena, que

¹⁵ O *col du Perthus* é um desfiladeiro dos Pirenéus, na fronteira franco-espanhola, entre os Pirenéus Orientais, no Languedoc-Roussillon, e a província de Gérona, na Catalunha. Com uma altitude de 290m, é um dos desfiladeiros transfronteiriços mais baixo dos Pirenéus.

¹⁶ Outro viajante fala também na peste (Coelho, Santos, 1990).

¹⁷ Sobre esta cidade francesa, Ambrum, fala um pouco mais o autor português Gaspar Barreiros: Tem hua Sé muito pequena e de pobre architectura, em tanto que nem igreja collegiada parece, quanto mais cathedral e metropolitana. Val ó Arcebispado quatro mil scudos de renda, e as conessias. Tem esta Sé á porta principal hua imagem de nossa Senhora, cõ muitas ofertas ao redor do corpo de armas e navios com outras mostras de milagres, a qual é muito celebrada n'esta terra, porque de gram parte do Delphinado vem aqui em romaria: chamase nossa Senhora do Rial ou de Ambrum. (p. 182)

llegando al tiempo que cerravan las puertas, quedassemos fuera; por esso no vimos el collegio de Modena. El Jueves, a 11 de setiembre a medio dia, llegamos a Bolonia. (Gaudeau, 1891, pp. 163-164)

Iniciaram a última parte do percurso no sábado seguinte, dia 13 de Setembro, e, viajando em condições atmosféricas adversas, chegaram a Florença, “ciudad mas bella aun de lo que dicen”, na segunda-feira, ao meio dia; na quarta encontravam-se em Siena e no domingo seguinte, dia 21 de Setembro, dia de S. Mateus, chegaram a Roma, “a la tarde com mucha alegría nuestra y de los padres y hermanos de la nuestra Compañia que aqui viven” (Gaudeau, 1891, pp. 164-165).

Ao longo da viagem, todos os dias cumpriam os seus rituais religiosos, apesar de as circunstâncias nem sempre serem as mais favoráveis:

[...] como eramos salidos del pueblo, rezavamos en comunidad una litania en la qual, quanto a lo que a mi toca, sempre tuvo buena parte esse collegio, y especialmente quando dizíamos *pro fratribus nostris absentibus*, etc; y a la noche antes de nos acostar dezíamos un *Te Deum laudamus*, o todos juntos, o cada uno por si, segun la oportunidad lo requiría. Todos los domingos y fiestas de guardar dezíamos missa los sacerdotes, y los otros la oyan, y los domingos aviendose primero confessado, comulgavan, y lo mismo hazian algunas de las fiestas mas principales; y esto de la litania, *Te Deum laudamus*, comulgar y missa, tanto com mayor devoción y sentimiento se hazia, quanto mas eram peligrosos los lugares que aviamos de passar o aviamos passado; forçandonos en cierta manera, como suele, o la necesidad presente a pedir a Dios ayuda, o la passada a darle gracias com humildad y alegría por el favor ya recibido. (Gaudeau, 1891, p. 150)

Assim, sempre que a ocasião se proporcionava, rezavam missa; Perpilhão refere a celebração pelos dois sacerdotes, no dia de Santiago, 25 de Julho; depois, no dia de Santa Ana, em Medinaceli; no domingo seguinte, no mosteiro de Huerta; depois, em Saragoça: a primeira, no altar da capela onde estavam os túmulos e relíquias de Santa Engrácia, S. Lamberto e dos incontáveis mártires de Saragoça, a segunda na igreja de Nossa Senhora do Pilar; de seguida, ao chegarem a Monserrate, no mosteiro de Nossa Senhora; e ainda, em Saint Thibéry, em Avinhão e na igreja de Nossa Senhora de Ambrum, apesar da forte pressão protestante, em França. O relato epistolar é também um documento precioso para as práticas religiosas e devocionais dos padres de Companhia, em período e local conturbados. Com efeito, nem sempre convinha fazer grandes manifestações de devoção, particularmente em território francês; o mesmo se refere também no relato da viagem de Frei Bartolomeu, nesse mesmo ano, ao passar, por exemplo, por Montpellier (Castro, 2001, p. 54).

Alojamento

Durante a viagem, os padres alojaram-se, para pernoitar, descansar e alimentar-se, ora nos colégios da Companhia, ora em estalagens, ora em casas de particulares amigos, ora em mosteiros. Nas cidades onde a Companhia estava já implantada, e isto principalmente em Espanha e Itália, dava-lhes pousada naturalmente o colégio local, onde contactavam com os companheiros e iam dando e

recebendo informações do que se passava nos outros colégios. Assim aconteceu em Alcalá, em Saragoça, em Barcelona, onde se demoraram oito dias à espera que se acabassem os preparativos para a partida do sexto companheiro de viagem, Jerónimo Ros, e em Bolonha; não ficaram no de Modena, pois já chegaram muito tarde e as portas da cidade já estavam fechadas.

Em Barcelona, a permanência no Colégio foi particularmente agradável para Perpinhão, pois ali encontrou inesperadamente familiares e amigos entre os padres da Companhia e outros religiosos, alguns dos quais se preparavam também para partir, mas como missionários, para Maiorca:

Hallamos alli (*em Barcelona*) el P.e Antonio Cordeses, provincial de aquellos Reynos, y al Hermano Hieronimo Ros que avia de venir con nosotros. [...]. Estava alli el Padre Maestro Verdolay, hombre de muy experimentada virtud, que esperaba buen tiempo para passar a Mallorca, donde era embiado por la obediencia con otros quatro a fundar un collegio a peticion del Viso-Rey de aquellas Islas y de la ciudad, que offrecieron lo necessario para la sustentacion sufficientemente. Avimos tenido mucha conversacion en el Señor, antes que yo ni él fuesse de la Comp^a, y nos alegramos mucho con la vista tan poco pensada. Otro Padre topé alli sin pensarlo, que en seculo avia sido grandissimo amigo mio por la comunicacion de los estudios, y nunca avia sabido que estuviesse en la Comp^a, sino los dias atrás en Çaragoça y era venido alli para la dicha mission de Mallorca. Fácil cosa es de pensar la alegria que recibiriamos en el Señor, no tanto por nos ver como por nos ver tan *praeter spem* como nos víamos, uno camino de Roma, otro de Mallorca. Fui com el Padre Verdolay una tarde a Montalegre, que es un monasterio de monjes cartujanos dos leguas de Barcelona [...] Detuvimosnos alli hasta el outro dia despues de vísperas, donde com mucha alegria mia y suya vi un mi primo hermano que avia veinte años o cerca, que está en aquella Orden, que me enseñó mui buena doctrina y sanos costumbres, siendo el sacerdote y yo muchacho. (Gaudeau, 1891, pp. 158-159)

Nos outros locais, onde não havia colégios, ficavam em estalagens, o que aconteceu em quase toda a viagem. A sua opinião sobre os alojamentos é, no geral, positiva; estes revelavam-se melhores do que esperava, porque “en Aragon hallamos mejor recado de todo y servicio que en lo que aviamos passado de España; y en Cataluña, que falsamente es tenuta por barbara, ay casi mas policia en las posadas que en Aragon, y en parte venze las posadas de Francia y Italia, tan alabadas de todos” (Gaudeau, 1891, p. 152). A permanência nas estalagens revestia-se de algum perigo em França, pois entre os hospedeiros e os restantes hóspedes encontravam-se protestantes que revelavam alguma hostilidade ao ver os padres, como aconteceu em Montpellier:

Los de la nuestra posada todos eran contaminados, y acaeció que estando cenando vinieron a vernos dos estudiantes de Medicina, que alli estaban, Aragoneses; los quales nos contaron muchas cosas de las que avian passado e passavan en aquella miserable tierra. [...] Combidamoslos a cenar, y platicamos con ellos muy largo de lo que fuera menester, com muchos escarnios de los Uganaus y sus cosas; lo qual sintiendo los que nos servian, rebentavan de rávia y procuravan de nos hazer todo el mal servicio que podian. [...] Certifi-

coles, Padres y hermanos míos, que en aquella noche estuve muy desvelado, esperando quando entrarian a matarnos. (Gaudeau, 1891, p. 161)

Nem sempre, porém, os hospedeiros eram hostis; alguns encontraram, nessa mesma região, fervorosos adversários das novas correntes:

El martes siguiente comimos en un lugar pequeño en un meson de personas catholicas; [...] Esta nos dixo muchas cosas de las suziedades que avian hecho e hazian los hereges, y nos declaró la etimologia del nombre que los Franceses les han puesto [Uganaus], muy conveniente por cierto a su ceguedad miserable: dezia que *Uga* quiere dezir *Coruza*, y que por quanto los Hereges, antes que osassen a descubrir su ponçoña, hazian de noche sus tristes ayuntamientos por los rincones a modo de coruzas, les avian puesto nombre de *Uganaus* por aquella tierra. (Gaudeau, 1891, pp. 161-162)

Quando não havia estalagem ou colégio para pernoitarem, ficavam em mosteiros, se os houvesse próximos, com aconteceu antes de chegarem a Barcelona, quando dormiram no de Monserrate; ou, então, em casa de particulares, religiosos normalmente amigos da Companhia. Depois da partida de Alcalá, a primeira noite, por exemplo, passaram-na em casa do cura (e seus conhecidos) de certa povoação onde não havia albergues (Gaudeau, 1891, p. 152).

Dificuldades da viagem

A viagem fazia-se com alguns incómodos, para além dos perigos: é necessário substituir as montadas, as pousadas por vezes estão cheias ou são perigosas e o dinheiro escasseia, principalmente já para o final, como aconteceu em Nipoli, junto aos Alpes, no dia 4 de Setembro; mas tudo é superado com algum artifício e suportado com paciência e até com alguma ironia:

El jueves no pudimos passar de Nipoli, que es ya bien adentro del Piamonte, porque el caballo que nos avian dado en Aviñon por la mula, traya la uña de una mano tan fendida como la suelen tener los bueyes. Hallamos com dificultad posada, por estar alli el príncipe de Piamonte com toda su corte que es como de Rey. Vendimos el caballo por quatro ducados, sc. dos por la silla y dos por su persona; y aun creo que no hallaramos quien nos dera por él un maravedi, si no nos ayudaran unos soldados españoles. Compramos un cuartago por 11 escudos, que llegó a Roma. Partimonos el viernes a medio dia com harto poco dinero, mas hallamos artifício como nos durasse mucho. El artifício fué este: entre dia passavamos com algunos bocados de pan y fruta, dando a las cavalgaduras sempre su pienso entero; a la noche sola comiamos (*hic deest unum uerbum*) y creo que se espantavan los mesoneros de ver quan bien limpiávamos la mesa. (Gaudeau, 1891, p. 163)

A viagem revestia-se, pois, de algumas dificuldades, para além das relacionadas com as montadas, nomeadamente com as condições atmosféricas e topográficas; Perpinhão descreve de forma vívida alguns momentos de maior adversidade e aflição, quando o grupo foi apanhado por duas violentas tempestades que derrubavam homens e animais; na primeira, quando iam a caminho de Barcelona, fustigados por tanto vento, trovoadas e chuva que “parecia undirse el mundo”, chegaram já de noite a Fraga, pois, ainda que a distância que tinham

de percorrer fosse apenas de 4 léguas, naquelas condições, valiam por “siete o ocho”¹⁸, atravessaram o rio, que aumentara substancialmente, graças à intervenção miraculosa de dois meninos que depois desapareceram. A segunda apanhou-os à saída de Bolonha para Florença:

El sábado por la mañana, partimos caminho de Florençia; y en saliendo de Boloña, como entramos por unos valles del Apenino, aviendo hecho dantes buen tiempo, levantóse de subito tan gran tormenta que no sé si fué mayor la que pasó Anibal com su exercito en la misma montaña. Era un viento tan rezió mezclado com agua tan gruesa y espesa, que las cavalgaduras, no pudiendolo sufrir, le bolvian las espaldas y se paravan. Crecieron tanto en una hora los arroyos, que solo verlos y oyr el estruendo del agua era cosa espantosa. Algunos passamos que davan ya por la barriga a las cavalgaduras y venian com tanta fuerça que era bien menester usar de manos para no peligrar. Atravesavamos de manera las cavalgaduras, que quasi estuviessen de rostro contra la corriente del agua para que mas facilmente se tuviessen. Todo aquel dia anduvimos com agua encima, y por tierra tal, que estando enxuta, era menester hacerse saltos. Son cuestas arriba y cuestas abaxo, parte de peña que no ay sino despeñarse por alli abaxo, parte de barro tan engañoso, que no se puede poner pié, que luego no se siga la caída. Holgaranse de nos ver por alli a pié o por mejor dezir a quatro piés, bien enlodados, hechando mano de las hiervas y raizes que hallavamos, cayendo de una parte nosotros, de otra las cavalgaduras. Uno de los compañeros cayó en su cavalgadura, la qual le tomó una pierna toda de baxo entre unas piedras: mas quiso Dios que ni él ni ella recibiesen daño alguno. (Gaudeau, 1891, p. 164)

As condições topográficas dificultavam também o percurso, principalmente se este se fizer já de noite e sem luz, nem sequer das estrelas ou da lua; assim aconteceu quando, antes de entrarem em Barcelona, resolveram fazer uma visita ao mosteiro de N^a Senhora de Monserrate, no alto da serra:

Desde fuimos en S.ta Cecilia, que está buena media legua antes de N^a Señora, se nos acabó de cerrar la noche. Ya pueden ver, padres y hermanos mios, que passatiempo seria por alli caminhar de noche sin luna, no sabiendo si estava el monasterio en lo mas alto o en lo mas baxo de la sierra. De alli a poco, errando el caminho, echamos házia abaxo; no sentimos el yerro, sino despues de un gran rato, y bolviendo házia arriba por donde aviamos descendido, quiso Dios que respondiesse a las voces que ivamos dando un buen hombre que iba para N. Señora por el camino que nosotros uvieramos de llevar, el qual nos esperó en un mismo lugar hasta que llegamos a él, dandonos bozes de rato en rato y nosotros a él para que atinassemos por el oido, ya que la vista en tanta escuridad no podia servirnos. Y despues nos guió hasta dentro de la casa, donde llegamos a las diez horas de la noche. (Gaudeau, 1891, p. 157)

¹⁸ Gaspar Barreiros (*Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros, ó anno de MDXXXVI, começando na cidade de Badajoz em Castella té à de Milam em Itália; com algum as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte*. Coimbra: Ioã Alvarez, 1561, p. 61) cita este provérbio da Catalunha, que vai de encontro às palavras de Perpinhão: “De Tarraga á Cerveira a hua legoa inteira, mas quando ella é molhada tomalaás por jornada”.

Uma outra questão problemática que se punha era a existência de salteadores que assolavam principalmente nas zonas mais isoladas:

Ni es mucho de maravillar lo que digo, porque ay passos en este caminho, especialmente por Cataluña, de si tan aparejados para criar salteadores, que com sola su vista ponen horror a los caminantes, y la fama de las cosas que en ellos an acontecido es tal que, aunque fuessen muy llanos y descubiertos, ella sola bastaria para causar miedo aun a los armados, quanto mas a los otros. (Gaudeau, 1891, p. 150)

Tanto o relato do itinerário de Fr. Bartolomeu dos Mártires (Castro, 55) como o de Inácio Martins (Carvalho, 2004, 332) e o de Gaspar Barreiros (Barreiros, 1561, 138) referem a existência de salteadores nesta zona da Catalunha, fazendo-se acompanhar na viagem com receio desta ameaça. Já em França, em Salses-le-Château, numa zona particularmente perigosa, viram-se mesmo obrigados a contratar “seis soldados, conforme a la necesidad y uso de la tierra, todos com sus escopetas” que os “acompanassen media jornada hasta cerca de Narbona, porque se passa alli una punta del outro braço de los Pirineos, y un pedaço de mala tierra y muy frequentada de salteadores, por estar entre los Reynos de Francia y España” (Gaudeau, 1891, p. 159)¹⁹.

Um outro problema que se colocava aos padres era o conflito aberto entre católicos e protestantes, uma vez que estes tinham conquistado grandes simpatias em França²⁰, onde algumas das regiões por onde passavam eram já de tendência protestante e hostil aos católicos; em várias localidades, os sinais de destruição dos símbolos católicos prenunciavam a tendência dominante; ao lembrar a passagem por Nimes, diz:

Por toda esta tierra era cosa digna de lágrimas ver las cruces y imágenes que por otros tempos avian sido veneradas por los caminos, hechas pedaços, y las hermitas y capillas profanadas y bueltas en cavallerizas, que parecia aver passado por alli algun exercito de Moros o Turcos; lo qual bien pueden pensar quanto dolor causaria a los animos christianos y pios. Pero consolavanos la devocion de algunos buenos que en algunas partes, segun notamos, avia buuelto a poner en lugar alto, donde se viessen, las imágenes medio quebradas. Dos señales teniamos para saber si algun pueblo era de catholicos o hereges: el tañer de las campanas y las cruces de los caminos. (Gaudeau, 1891, p. 162)

O perigo era ainda maior para estes padres que não viajavam incógnitos e não queriam esconder a sua fé, apesar das indicações do P. Nadal de que não entrassem em disputas; assim, entre Béziers e Saint Thibéry, ocorreu o seguinte episódio:

¹⁹ Gaspar Barreiros (1561, p. 161v) faz também referência à existência de salteadores nesta zona: [...] todas estas sete legoas da Salsas à Narbona sam muito grâdes e de muito mau caminho, afora muitos ladrões salteadores, que as mais das vezes n'ellas á, como tenho dicto. Quem ouver de passar avâte, cumprelhe levar soldados de Salsas, té o poerem em salvo perto de Narbona, os quaes costumam dar pagando lhe seu trabalho.

²⁰ Perpilhão sentirá essa hostilidade aberta quando discursar em Paris e Lyon, alguns anos mais tarde (vide *supra*)

Topamos, poco antes que llegasemos a este puesto, unos quantos de cavallo, que dél avian salido, segun pareció hereges, los quales, viendonos en hábito ecclesiastico, començaron con grande risa y altas vozes a dezirnos que ya no cumplia ir a Roma, pues era muerto el papa, y otras cosas desta manera. [...] Aqui viendo que entravamos por tierra perdida, avido nuestro consejo, determinamos que ya que no nos entremetessesmos en disputas, conforme el aviso del padre Nadal, a lo menos convenia que nos mostrassemos en lo de fuera ânimo católico y verdadeiramente christiano; ansi pareció que por aquella tierra devíamos tener muy especial miramiento en no pasar cruz, imágen o Iglesia que no saludassemos com el devido acatamiento y reverencia; y tanto mas quanto el lugar fuesse mas poblado. (Gaudeau, 1891, p. 160)

O padre Nadal, quando se despedira, consciente da perigosidade do caminho, constatada pelos próprios viajantes, principalmente entre Narbona e Avinhão, aconselhara-os a não reagir, se fossem provocados, pois “topando con algun hereje no disputassemos com el, mas solamente nos escusassemos com dezir que eramos unos pobres religiosos que ibamos en nuestra obediência; que aquellas cosas ellos las tratassen com los que tuviessen el tal cuidado” (Gaudeau, 1891, p. 151).

Documento epocal da religião e da administração territorial

A viagem de Perpilhão e companheiros foi empreendida num período de antagonismo Reforma/Contra Reforma, num momento de grande agitação religiosa, de guerras entre católicos e protestantes, de destruição, quando decorria a última etapa do Concílio de Trento²¹. Não sendo diplomática, oficial ou de carácter religioso (como a de Fr. Bartolomeu dos Mártires, a de Inácio Martins ou de Gaspar Barreiros), não se constituindo como uma peregrinação a Roma ou como uma busca de relíquias, e muito menos como uma viagem de recreio, Perpilhão não deixa de, por todos os lugares por onde passavam visitar as igrejas ou mosteiros, quer para dizer missa, quer para venerar as relíquias e conhecer os milagres, quer simplesmente para admirar os monumentos, dos quais não deixa de fazer uma descrição, mais longa ou mais curta segundo a sua sensibilidade. Em modo quase de reportagem vai revelando as maravilhas de cada local por onde passa: do mosteiro dos frades bernardos de Huerta; do mosteiro hieronimita de Santa Engrácia ou dos Incontáveis Mártires e Nossa Senhora do Pilar, em Saragoça; do mosteiro de Monserrate; do mosteiro de monges cartuxanos, perto de Barcelona. Visita também os túmulos de S. Tibério, em Saint Thibéry, e o de S. Domingos, em Bolonha.

No mosteiro de Huerta, de frades cistercienses, próximo de Arcos de Jalón, por exemplo, encantou-o o sacrário “que el Abad, movido de bueno y santo zelo, para mas reverenciar lo que agora mas peligra en la Iglesia, hizo concertar y arrear tan ricamente, que entrar alli es entrar en un paraíso. Está hecho a manera de una capillita pequeña tras del retablo, donde se entra por una puertezita junta com el altar a usanza de aquella Orden. Dentro ay un altar buelto para el altar mayor

²¹ Nestas sessões abordou-se a questão das relíquias. Reforçou-se a crença na intercessão dos santos, a sua invocação, o culto das suas relíquias como agentes de milagres, bem como o uso legítimo das imagens; mas reforçou-se a ideia de evitar abusos, superstições e o surgimento de novos cultos.

de la Iglesia en el qual está el Santo Sacramento en un tabernaculo ricamente labrado: las paredes de todas partes están cubiertas de imágenes sagradas pintadas de muy excelente mano, y en algunos cabos tienen assentados reliquiarios grandes y hermosos de plata com sus reliquias; y todo maravillosa y suavemente resplandece con la lumbre que alli arde perpetuamente (Gaudeau, 1891, p. 153).

Na descrição de Saragoça, “ciudad por cierto para ver en España”, e dos seus pontos de interesse, alonga-se mais detalhadamente. Geralmente, os viajantes que faziam o percurso Portugal-Roma demoravam-se na visita aos monumentos de Saragoça e respectivas relíquias, descrevendo-os depois minuciosamente. É o caso de Inácio Martins, Fr. Joaquim de S. José ou Gaspar Barreiros, acima referidos.

Perpilhão começa por evocar o episódio dos incontáveis mártires de Saragoça, bem como o de S. Lamberto, ao falar da rua onde a tradição apontava que tudo acontecera e onde existia “[...] una cruz de piedra grande y bien adornada, asentada sobre algunos escalones, y cubierta de un cielo que se tiene sobre muchas columnas, por memoria de lo que alli pasó antiguamente” (Gaudeau, 1891, p. 155). Admira a grandiosidade do hospital, “tan nombrado por todas las partes del mundo y con gran razon, porque en la grandeza y magnificencia y riqueza del edificio, parece palacio muy curioso de algun poderoso Principe o Rey. En el concierto de las camas, y corredores donde están, y limpieza, mas presto pensareis ser alojamiento de señores que casa de pobres” (Gaudeau, 1891, p. 155)²².

Dos monumentos religiosos, refere-se Perpilhão à Igreja antiga e venerada de Nossa Senhora do Pilar²³, onde disse missa antes de partir, mas detém-se na descrição emocionada das relíquias que contemplou e tocou no mosteiro da Ordem de S. Jerónimo, chamado Santa Engrácia ou Santa Maria dos Incontáveis Mártires:

Ay una capilla debaxo la tierra, grande, sobre columnas y arcos, donde fuera otras cosas de antigua devocion, está un sepulcro de piedra, alto y capaz, en lo qual estan encerrados los cuerpos de santa Engratia, virgen portuguesa y martyr y de sus cavalleros, que com ella juntamente huvieron la palma del martirio. [...] En outro sepulcro está san Lamberto, de quien arriba diximos. En la misma capilla están enterrados los huesos de los innumerables marti-

²² O padre jesuíta, Inácio Martins, descreve na sua carta, o mesmo hospital, também admirado com a sua função e organização (Carvalho, 2004, pp. 231-268:

No Reyno de Aragão se edificarão muito os Padres de tres cousas [...]; a 3ª a muita esmola e charidade com que os pobres principalmente no hospital de Saragoça que he cabeça de Aragão na somana em que o fomos ver servia a Justiça Mor que he sobre a Justiça del rey Filippe e andava com sua toalha ao hombro servindo aos homens e sua molher Dona Catherina servia as molheres. Há neste hospital ordinários quinhentos e sessenta doentes, e quatrocentos mininos engeitados, e com não ter mais de quatro mil crusados de renda gasta cada anno trinta mil crusados e tudo de esmolas: os leitos são todos dourados e muitos deles riquíssimos e muitos nobres que mandarão fazer os taes leitos quando Deos os quer levar desta vida vãosse lançar nelles e morrem em o hospital tanta devação que lhe tem; he este hospital a melhor governada casa que há na Republica; tem cem homens de serviço, e tem tanta prudencia no governo que té dos doudos se servem, avendo no hospital trinta e seis doudos servem de alimpar as podridões e imundícias e outras cousas que os cesudos fazem de maa vontade.

²³ Sobre esta igreja de NªSrª do Pilar, as relíquias e os milagres tradicionalmente ligados a Saragoça, alongou-se também Inácio Martins nas cartas supracitadas (Carvalho, 2004: pp. 330-332) e Gaspar Barreiros (1561)

res, y de otros muchos de que no me acuerdo. Causa tanta devocion entrar en este lugar tan santo, que quisiera quedarme alli por un buen espacio a solas. Cerca de alli en unas camaritas hechas en la misma pared de la iglesia, debaxo de puertas de hierro y muchas llaves que tiene la ciudad, se guardan algunas insignes reliquias, en plata bien labrada como se suele; conviene a saber, la cabeça de santa Engracia y el clavo que por ella le metieron, algunos pedaços de la massa cândida, hechos a manera de piedras no grandes ni muy pequenas. Lllaman massa cândida la que se hizo por tiempo de los cuerpos santos de los innumerables martyres; algunas cosas tambien de S. Lamberto, pero no me certifico bien si son huessos o outra cosa, y creo que me he olvidado de algunas reliquias que con estas se guardan en el mismo lugar com mucha reverencia. Tuvimos manera como un ciudadano principal, que tenia las llaves encomendadas de la ciudad, fuesse allá com nosotros, y las vimos todas y adoramos, y en la cabeça de S. Engracia besamos el agujero que quedó del clavo que le fué metido, el qual está oy en dia tan fresco que parece continuamente sudar sangre. (Gaudeau, 1891, p. 155)

Sobre o mosteiro de Monserrate, sobre o qual tanto teria a dizer, remete para a obra impressa que saíra recentemente em Portugal, da autoria de Gaspar Barreiros. Essa obra, ainda que Perpinhão não o diga, é, sem dúvida a *Chorographia*. Inácio Martins parece fazer o mesmo, pois “quisera tresladar muita cousa porque os tenho a todos por devotissimos de Nossa Senhora, mas deste trabalho me livre com lhe mandar o livro dos milagres e a pintura da montanha” (Carvalho, 2004, p. 333).

Se bem que os monumentos religiosos tenham preponderância no seu relato e lhe chamem obviamente a atenção, não deixa de apontar também outros aspectos de interesse para um viajante: ao passar por Nimes, onde não entraram, destaca a formosura da cidade e chama a atenção para a existência de ruínas romanas: “[...] a lo que de fuera parecia, ansi pelo edificio de los muros, como por las memorias de los Romanos antiguos, que ansi como estan, medio caidas, ponen espanto a los que les miran” (Gaudeau, 1891, p. 162).

A paisagem também lhe proporciona agradáveis sensações, como aconteceu ao visitar o mosteiro cartuxano de Montalegre, junto de Barcelona, que “está entre unas montañas quasi en la mitad de altura dellas, todo cercado de admirables espesuras de pinos, no solo delectables a la vista, mas aun provechosas para las necesidades de leña y madera. Están lexos de poblado por todos los cabos, en soledad y silencio mui conveniente para su instituto. Tienen la mar cerca media legua, o poco mas, y por tanto la mas agradable vista que pensar se puede. La casa de los huéspedes y del outro servicio del monasterio está en lo mas alto del monte, como un quarto de legua, en sitio maravilloso para vista de mar y de tierra y frescura de ayres” (Gaudeau, 1891, p. 158).

Perpinhão não deixa de exprimir os seus sentimentos e sensações, como se pode constatar acima; noutras situações, para além do receio por atravessar regiões hostis aos católicos, ou do prazer de visitar monumentos religiosos, contemplar relíquias sagradas e de reencontrar velhos conhecidos e parentes, tem também ocasião de exprimir a compaixão por populações atormentadas por guerras locais ou a satisfação da curiosidade científica.

No primeiro caso, a sensação que o domina é de compaixão e terror: ao passar por Ariza, em Aragão, deparando com um cenário trágico de carnificina, pois os senhores locais, em guerra com os seus vassallos, tinham assassinado cruelmente muitos deles, não deixa de desabafar e criticar também e injustiça cometida, mostrando que não é indiferente às questões políticas e civis:

No contentos com esto, por la demasiada libertad que tienen en Aragon en especial los señores, a quien los fueros que llamam de aquel Reyno dan absoluto poder (mas no see quan justo) de bien y mal tratar sus vasallos, hizieron tan cruel justicia en muchos, que dezian aver sido sin culpa alguna, y hazian cada día, que todo el caminho hasta Ariza no parecia sino una carnicina publica, tanta era la muchedumbre de los quartos puestos en palos a una mano y a outra. – Yo acerte de passar solo el pueblo abrasado y todo el caminho de alli a la villa, por se aver adelantado los compañeros, y confiesoles, padres y hermanos charrissimos, que fué tanta la compasion, mezclada com horror y espanto, que de aquella tan triste vista recibí, que aunque no temia nada, principalmente siendo tan de día, com todo no sabia parte de my mismo. (Gaudeau, 1891, pp. 153-154)

Mas há momentos mais descontraídos, como aquele em que, ao subir a serra que os levava a Monserrate, atravessaram as nuvens:

Venimos a estar tan altos que no divisavamos quasi los lugarejos que estavam por los campos, y quedavannos a la mano derecha unas peñas cortadas y ásperas tan altas, quanto bastaria para ser un monte no baxo. Allí philosophamos un poco de las nuves, porque levantándose algunas, y passando el caminho tan cerca dellas que nos pudieramos meter dentro si quisieramos, y el tiempo lo sufriera, claramente vimos que no ser mas que como un humo en unas partes mas grueso, y en oytras mas delicado, conforme a la doctrina de los Peripatéticos, si ya no creemos a los Academicos nuevos, que quitan toda la verdad a los sentidos. Mas yo no puedo dexar de tener por verdadeiro lo que veo claramente com los ojos. (Gaudeau, 1891, p. 157)

Não deixou de estar presente também, na viagem, o pedagogo preocupado com a formação das crianças, quando, em duas ocasiões, uma a propósito de um professor protestante, em Saint Thibéry, e depois a propósito de um grupo de judeus, em Avinhão, lamentou a má sorte dos meninos tão cedo levados pelo caminho errado, na sua perspectiva. Em Saint Thibéry, descreve assim o encontro:

La noche antes que de alli partissemos, serian bien las nueve horas, hablando com un hombre que estaba aposentado en el mismo meson, entendí que era maestro de gramática, y de la mala canalla de los ciegos Uganauus. Mucho deseé hazerlo saber a los Regidores por el mucho daño que podia hazer con tal officio; pero ni la partida dió lugar, ni lo tuve por cosa segura, por quanto en aquella tierra no sabeis aquel com quien ablais, si es cathólico o herege. Así nos partimos el Lunes com buena mañana, com harto dolor de coração por no aver podido remediar perdicion tan clara de las ánimas innocentes de los niños. (Gaudeau, 1891, p. 160)

Final da viagem

Não era fácil uma viagem pelo sul da Europa, em pleno Verão, percorrendo cerca de 2000 Km, expostos ao calor e ao pó, à chuva torrencial e ao frio dos Pireneus, através de regiões hostis, receando a violência dos salteadores e a animosidade contra os católicos, deparando-se por vezes também com a dificuldade dos transportes e dos caminhos. Durou dois meses, este percurso, que teve algumas paragens mais ou menos demoradas, como aconteceu em Saragoça, onde contactaram, deslumbrados, com as relíquias e os relatos de milagres a elas associados, e em Barcelona, onde esperaram oito dias que se preparasse para a viagem o último companheiro. Eles próprios não iam nas melhores condições físicas:

Malas disposiciones algunas hubo, principalmente el P.e Ramiro, por los dolores de corazón que ya le solian acudir quando salio de Avila, aunque no tan fuertes con gran parte como las que he visto en Coimbra. Vino hasta Roma con asaz trabajo suyo por lo que padecia, de todos los compañeros por la charidad fraterna, y mio particularmente por el officio y cargo que tenia, el qual por cierto me consoló no poco, por ver assi la facilidad con que se determinó de venir visto el recado del P.e Nadal, puesto que entendia que el P.e no sabia parte de su trabajo, como la paciencia con que lo sufria por el caminho. Yo sali de Alcalá com unos corrimientos de la cabeça, y dolor de muelas no pequeno, que parecia nacer de los corrimientos: acompañaronme hasta Roma remitiendosse, y ablandando el dolor algunas vezes, y pienso que me acompañarán a un largo tiempo. (Gaudeau, 1891, pp. 151-152)

Perpilhão dá informações sobre o estado das estradas, a qualidade das estalagens e os perigos que nelas se podiam encontrar, as zonas mais hostis ao catolicismo, mas também as cidades mais dignas de visita, quer pelo seu espólio artístico-religioso e histórico, quer pela sua beleza. As suas palavras fazem perceber um homem cumpridor dos seus deveres, um fino observador do que o rodeia, cauteloso, incapaz de descurar a sua natureza de pedagogo. Com o seu espírito paciente, preparado para suportar tudo, Perpilhão admite, no final, que a viagem não decorrerá muito mal e que afinal a imaginação superara a realidade, exagerando os perigos:

Tambien pienso que no son tan bravas las bestias fieras como la fama, que totalas cosas haze mayores, nos las avia pintado primero que les viessemos; proveiendolo ansi la divina bondade para el bien y comodidad de los fieles y ca tólicos christianos. A lo menos no las hallamos nosotros tan feroces, aunque lo son muy mucho, segun dizen y vimos por algunas cosas, com las que se ponen a contraderezir sus empeños en disputa. (Gaudeau, 1891, p. 151)

Tiveram também momentos agradáveis, visitando mosteiros e igrejas e venerando as suas relíquias, mas também de boa disposição, graças a alguns companheiros de viagem mais divertidos que foram encontrando pelo caminho. As saudades dos que deixara em Coimbra, porém, não eram poucas, pelo que, logo que chegou a Roma, escreveu aos companheiros esta pormenorizada carta, rematada por uma écloga de inspiração virgiliana, significativamente intitulada *Ecloga Melibaeus* (Gaudeau, 1891).

Referências bibliográficas

- Augusto, S. (1999). Peregrinações: Roma e Santiago de Compostela. In *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens. Estudos e Bibliografias* (pp. 85-125). Lisboa: Clepul/Cosmos.
- Augusto, S. (2009). Diário da Jornada de Roma do Embaixador Extraordinário, o Marquês de Fontes, no ano de 1712. *Máthesis*, 18, 81-108.
- Augusto, S. (2010). Jornada de Roma: narrativas de viagem na época barroca. In M. J. Marçalo, M. C. Lima-Hernandes, E. Esteves, M. C. Fonseca, O. Gonçalves (Eds.), *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora.
- Barreiros, G. (1561). *Chorographia de alguns lugares que stam em hum caminho que fez Gaspar Barreiros, ó anno de MDXXXVI, começando na cidade de Badajoz em Castella té à de Milam em Itália; com algum as outras obras cujo catalogo vai scripto com os nomes dos dictos lugares na folha seguinte*. Coimbra: Ioã Alvarez.
- Cabral, M. L. (2011). *Até Roma: uma viagem com devoção, longa e árdua. Diário de Frei Joaquim de S. José em 1750*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal.
- Carvalho, J. A. F. (2004). Um pregador em tempos de guerra: Inácio Martins S.J. Seis sermões contra os ingleses (1588-1596) e cinco cartas de viagem por Europa (1573-1574). *Actas do Congresso Internacional: A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos séculos XVI e XVII – espiritualidade e cultura* (pp. 231-367). Porto.
- Castro, M. F. (2001). De Braga a Roma. Relíquias no caminho de D. Frei Bartolomeu dos Mártires. *Via spiritus*, 8, 31-57.
- Coelho, M. H. C.; Santos, M. J. A. (1990). *De Coimbra a Roma. Uma viagem em meados de Quinhentos*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Ferro, J. P. (1993). A epistolografia no quotidiano dos missionários jesuítas nos séculos XVI e XVII. *Lusitania Sacra*, 2 (5), 137-158.
- Gaudeau, B. (1891). *De Petri Ioannis Perpiniani uita et operibus (1530-1566)*. Parisiis: apud Retaux-Bray Editorem,
- Lacouture, J. (1993). *Os Jesuítas.1 A Conquista*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Perpinianus, P. (1749). *Petri Ioannis Perpiniani Valentini e Societate Iesu Opera*. Romae: Typis Nicolai et Marci Palarini.
- Lazeri, P. (1749). *De Vita et Scriptis Petri Ioannis Perpiniani Diatriba*. Romae: Typis Nicolai et Marci Palarini.
- Montesinos D. D. M. (2014). Pedro Juan Perpiñán. vida y obra: oratoria y poesía latina (Elche 1530-París 1566). Universidad de Murcia.
- Teles, B. (1645, 1647). *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal* (2 volumes). Lisboa.
- Toipa, H. C. (2001). *A obra de Pedro João Perpilhão em Portugal, ad maiorem Dei gloriam* (Tese de Doutoramento). Viseu: Universidade Católica Portuguesa.
- Toipa, H. C. (2011). O percurso de Pedro João Perpilhão, em Portugal. *Humanitas*, 63, 405-425.

ITINERÁRIO

Data	Localidade
23 de Julho (Quarta-feira)	Partida: Alcalá de Henares
24	Guadalajara
25	Ciguenza
26	Medina Coeli
27 (Domingo)	Puertos de Castilla – Arcos (Huerta) – Ariza
28	
29	
30	Saragoça

Data	Localidade
31	Saragoça
1 de Agosto	Saragoça
2	Saragoça
3 (Domingo)	Saragoça
4	Partida para Barcelona
5	Fraga
6	
7	
8	Monsserrate
9	Monsserrate
10 (Domingo)	Barcelona
11	Barcelona
12	Barcelona
13	Barcelona
14	Barcelona
15	Barcelona
16	Barcelona
17 (Domingo)	Barcelona
18	Partida para França. Passo de Pertus
19	
20	
21	Salses
22	Narbona
23	Béziers
24 (Domingo)	S. Tiberi
25	Montpellier
26	Nîmes
27	Avinhão
28	
29	Carpentras
30	
31 (Domingo)	
1 de Setembro	
2	Ambrum

Data	Localidade
3	Alpes
4	Nipoli
5	
6	
7 (Domingo)	
8	
9	
10	
11	Bolonha
12	Partida para Florença.
13	
14 (Domingo)	
15	Florença
16	
17	Siena
18	
19	
20	
21 (Domingo)	Chegada a Roma

Resumo

As cartas enviadas pelos padres jesuítas aos seus superiores hierárquicos e aos seus companheiros, nas suas frequentes deslocações na Europa, Ásia e África, são uma imposição da própria Companhia de Jesus e também fontes abundantes de informação. A de Pedro Perpinhão, enviada aos companheiros que deixara em Coimbra quando partiu para Roma, para além de traçar um detalhado itinerário (desde Alcalá de Henares até Roma), veicula também valiosa informação sobre a sua época, o século XVI, nomeadamente sobre transportes, estradas, alojamentos, dificuldades encontradas, perigos, monumentos, culto das relíquias e dos milagres, clima religioso; mostra também o homem, nos seus sentimentos e sensações.

Abstract

The letters sent by the Jesuit priests to their hierarchical superiors and companions, on their frequent travels in Europe, Asia and Africa, are an imposition from the Society of Jesus itself, but also rich sources of information. The letter written by Pedro Perpinhão and sent to the companions that remained in Coimbra, when he went to Rome, shows a detailed itinerary (from Alcalá de Henares to Rome) and valuable information about his time, the sixteenth century, namely about transportation, roads, accommodation, difficulties, dangers, monuments, religious practices, worship of relics and miracles; it also reveals the man, his feelings and sensations.